

17) O desencadear da responsabilidade

Definir-se como próximo do outro, ou, pelo menos, convergir a pergunta sobre nós mesmos com a pergunta se somos próximo do outro, nos permite reconhecer a nossa pessoa como liberdade responsável. Não basta ser livres para ser homens verdadeiros. Serão verdadeiros homens se a liberdade é responsável, isto é, se esta responde, se situa-se diante da pergunta do outro, se abri-se à pergunta do outro, à pergunta que o outro é. A pergunta do outro, portanto sua necessidade, nos oferece o dom de nos tornarmos responsáveis, de sermos verdadeiramente livres até o fim, até o amor, até a caridade.

Ser o próximo não significa apenas estar ao lado de alguém, estar perto. É assim que o sacerdote e o levita da parábola passam perto do homem ferido. Eles passam perto, estão próximos, mas não são próximos, por que não respondem às necessidades do outro, não são *responsáveis*.

O Samaritano, ao invés, responde, e isto faz dele próximo, torna próximo o seu "eu". Para ele, o fato de estar lá não é um acidente, como acontece para os outros dois. "Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote ..." (Lc 10,31). O sacerdote está lá *por acaso*, em latim: *accidit autem...* Foi um acidente, foi uma coincidência o fato de encontrar-se lá. Também para o Samaritano foi uma coincidência, mas ele pára, e então não é mais um acaso, um acidente, por que decide tornar-se próximo: "Viu-o e aproximou-se" (10,33).

A liberdade que se decide pela responsabilidade transforma todos os "casos" em acontecimentos de vida eterna. E é realmente o impulso da responsabilidade que define a identidade dos atores daquela situação.

É a isto que Jesus quer conduzir a pergunta sobre a plenitude da vida e a pergunta sobre quem é o outro e, sobretudo, a pergunta sobre quem sou eu mesmo. A verdadeira pergunta é: "Quem sou para os outros?", a verdadeira pergunta é se eu sou ou não o próximo dos outros, se respondo ou não às necessidades dos outros. É sobre isto que Jesus quer que concentremos o exame sobre nós mesmos, o juízo sobre quem somos, e o real compromisso de nossa vida.

Jesus deliberadamente atribui o papel principal a um Samaritano, uma pessoa em desordem e ruptura com a religião judaica. Para os Judeus, os Samaritanos eram quase pior que os pagãos. Jesus age assim para nos fazer entender que a questão sobre a nossa responsabilidade para com os necessitados, deve vir antes da questão se somos ou não somos religiosamente corretos, para obter a vida eterna.

Quando se coloca corretamente a pergunta "Quem sou eu?", ou seja, quando a se põe no contexto da verdade e da realidade que são as relações que tecem nossas vidas, o "Que fazer?" da primeira pergunta do doutor da Lei, pode também renascer. Quando a colocou no início ("Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?"), a sua idéia de comprometimento, a sua idéia de "fazer" e, portanto, a sua idéia do que significa "amar", era muito abstrata; era uma fórmula, um problema teórico; não era ainda a vida daquele homem. Depois de ter escutado a parábola de Jesus, o fato de ter de definir o próprio "eu" diante do outro, em relação ao outro, com o homem em dificuldade, faz com que a pergunta sobre "Que fazer", a questão do comprometimento, torne-se verdadeiramente concreta, real. É muito diferente

perguntar-se no abstrato o que precisa fazer para herdar a vida eterna, imaginando-se a vida eterna, e perguntar-se diante de alguém, deitado quase morto aos nossos pés, e que no final morrerá se não fizermos alguma coisa. Assim, o outro, o qual permito se tornar a definição do meu "eu" ("*Eu sou o seu próximo*"), faz com que o amor se torne para mim, vida e realidade.

É importante, portanto, este desencadear da responsabilidade diante da necessidade do outro. E isto, como a parábola coloca bem em cena, é no fundo, a questão de um instante. Para os três personagens que passaram por aquele caminho, foi em um instante que o caminho de suas vidas foi definido, assim como suas identidades. O sacerdote e o levita, recusando-se, por mil razões, que se produzisse este desencadear, que teria levado suas liberdades à responsabilidade, continuaram seus caminhos sem se tornar próximos. Aparentemente, nada mudou em suas vidas, mas é justamente esse o problema. Nada mudou exteriormente, mas ontologicamente, continuaram suas vidas sendo menos "próximos" de antes, ou nem mesmo se tornando. Continuaram a viver as mesmas coisas, mas com um "eu" mais pobre em humanidade, mais egoísta, menos livre, menos vivo, menos amante do homem, e portanto, mais estéril, mais triste. Menos livre, porque a liberdade que não torna-se responsabilidade, seca, torna-se menos si mesma, menos capaz de atos gratuitos. É como um músculo que não é utilizado: se enrijece, torna-se paralisado.

Para o Samaritano, o desencadear da responsabilidade livre, diante do homem em dificuldade, determinou uma mudança de vida; uma mudança, a qual, Jesus imagina e conta apenas o começo, mas que está apresentada como uma aurora de vida nova. Também ele, se fosse um personagem real, provavelmente teria continuado a viver como antes: a família, o trabalho, os amigos, as viagens ... mas teria continuado a viver as mesmas coisas com um "eu" mais próximo do homem, e portanto, mais livre para seguir um caminho de vida não determinado com antecedência, não trancado em um projeto individual.

Na parábola do Bom Samaritano, Jesus descreve os primeiros passos de uma vida nova, e vale a pena que os meditemos, porque nos ajudam a compreender melhor o que significa o desencadear da responsabilidade, e por conseguinte, o que significa tornar-se próximo do outro. E não devemos esquecer que isto equivale a compreender o que significa amar a Deus e o próximo, assim como Deus nos pede, e portanto, o que significa participar da vida eterna, viver uma vida eterna.

O que é que provoca, que desperta a responsabilidade? O que fez com que, no Samaritano, tenha acontecido o desencadear da responsabilidade, e não nos outros dois? Porque ele se fez o próximo do homem ferido e não os outros?

Jesus, na parábola, dá uma única razão para este desencadear: a compaixão, a misericórdia: "Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e aproximou-se [até aqui os outros dois chegaram; até aqui nada foi mobilizado; até aqui, a liberdade somente suportava as coisas que se apresentaram; até aqui não existia alguma diferença entre o homem ferido deitado no chão e as pedras da estrada ou as árvores que a ladeavam...] e moveu-se de compaixão" (Lc 10,33).

O desencadear, o salto, consiste na piedade, na compaixão.